

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	1.º	N.º	38.º Anno — XXXVIII Volume — N.º 1313	
	36 n.ºs	18 n.ºs	1 n.º	1 n.º	entrega	
Portugal franco de porte in forte.	12000	6000	1500	1200		
Provincias ultramarinas (idem)	15000	7500	1800	1500		
Estrangeiro e India	18000	9000	2200	1800		

Redacção — Administração — Atelier de gravura
Lisboa, L. do Paço Novo, entrada para L. do Convento de Jesus, 4

Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto

Largo de S. Roque, 21 e 22

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Imprensa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

20 de Junho de 1915

Conflagração Europeia



ASSALTO DE TROPAS FRANCEZAS — Na frente das linhas de oeste, os soldados, precavidos contra os gases asfixiantes, lançam bombas de mão

CRONICA OCCIDENTAL

Eugenio Huzar sentiu assomos de profetismo, ao escrever essa obrasinha interessante, que intitulou — *Fim do mundo pela ciencia.*

Na verdade todos os acontecimentos, que se vão desenrolando, de longe, mundo em fóra, tragicamente, amostram que o fino escritor não exorbitava do circulo lógico da realidade. Limitou-se a inferir sem ironia consequencias de primicias que representa incontestaveis um espirito simples e reto.

Neste momento, o mundo inteiro apresta-se ainda para a grande luta, isto é, a maior parte da população, bipede e implume, sublunar, dá-se morte implacavelmente. O combate moderno resolve-se numa applicação minuciosissima de formulas. O campo da batalha é um labo-

ratorio imenso onde engrenagens e maquinagens estão todas cientificamente calculadas para alastrar, na extensão de leguas sem conta, a morte irremediavel. A guerra actual tem de curioso, que é a experimentação das teorias engenhosas que a ciencia andou por tantos e tantos anos a preparar.

Se isto assim não fosse — alguém, mais autorisado que Brunetiére, já agora teria proclamado outra vez a bancarrôta da ciencia. Não. A ciencia não faliu. Os acontecimentos da guerra demonstram-no á evidencia. Se está provado que a ciencia não dá nem prolonga a vida, é certo que aproxima vertiginosamente a morte. Se a farmacopeia não põe a são e salvo, ao menos inventa doenças novas. Tomás Buckle prova que a moral dos povos não progride — mas é incontestavel que a civilisação sabe melhor astenisar e perverter os temperamentos.

A este respeito, ninguém nutre illusões...

O progresso não esclareceu as consciencias, mas afinou os instintos. Não se pensa já hoje na alquimia, mas todos meditam subtilmente nos processos mais facéis de escamotear ouro aos seus visinhos.

Não se pensa já hoje no elixir de longa vida mas todos meditam nos processos mais eficazes de dar morte aos seus semelhantes

Pelletan tinha razão — *le monde marche...*

Estamos longe dos tempos de capa e espada, elmo e lança, escudo e montante. Alonguemos o olhar em roda da Grande-Conflagração. A Ciencia estabeleceu ahí luzidos arraiaes.

Constroem-se trincheiras, amplas de ar, amplas de luz, forradas solidamente de areia e cimento. Ha subterraneos

fortificados. Os fortins são providos de blindagens espessas. As metralhadoras baforejam, minuto a minuto, milhares de mortes. Os canhões escancaram bocarras de monstros. Os homens usam sabiamente de lança-bombas, gases asfixiantes, liquidos inflamáveis. Os submarinos encaregam-se de escaqueirar num momento os cruzadores mais vastos. Aviões e Zepelins encarregam-se de reduzir a cinzas as mais bellas cidades.

Assim Huzar não exorbitou da realidade ao profetisar o fim do mundo pela sciencia.

... *De jour en jour, la science grandit et le monde marche... vers la mort.*

ANTONIO COBEIRA.



QUADRA

A lua é uma quimera
Dum poeta lá do ceu.
E que a força de ser sonhada
Ficou branca, envelheceu...

ANTONIO FERREIRO



Da Grande Guerra

Tragedias do Mar

A vista de Queenstown, em aguas da Irlanda, foi torpedeado o *Luçitania*...

A T. S. F. que é tantas vezes a mensageira da morte levou a todo o mundo, com a rapidez do relampago, a desoladora noticia. Horas depois, do outro lado do Atlantico, os grandes diarios *yankees* exgottavam successivas edições. Comprehende-se. Entre uma turbamulta de nacionalidades, muitos *cidadãos da Livre America* haviam encontrado uma morte horrorosa.

O archi millionario Vanderbilt, aquelle perfeito *gentleman* que todos nós conheciamos, entregou a uma dama o proprio cinto de salvação, com o mais galanteador e fino dos seus *please*... e deixou-se afogar nas ondas glaneas...

Em Londres e aqui em Paris ninguem esperava tão audacioso attentado. Podia-se lá acreditar! Um povoléu immenso accorria aos jornaes.

Instante a instante os *placards* successivamente mudados accrescentavam pormenores tragicos.

Mais de mil mortos! Depois esse numero cresceu, vieram listas e mais listas, notas officiaes, testemunhas oculares: eram mil e quinhentos os afogados. Mil e quinhentas victimas sacrificadas no altar sanguinario da *Dustchland liber alles!*

A companhia *Cunard* não esqueceu os seus mortos. Um navio, carregado de flores viçosas, parou em frente a *Queenstown*, no proprio local do sinistro... De lucto pesado a tripulação inteira ajoelha-se na tolda em volta de um altar. Canta-se o *Requiem*... Depois de resadas as orações da lithurgia, os marinheiros com os olhos ensombrados de lagrimas, semeiam rosas pelo mar. Muitas dellas iam decerto florir as loiras cabezinhas dos *babies*... que pareciam

boias ainda á flôr das ondas, como na tarde maldita ..

... *Requiem acternum dona eis Domine, et lux perpetua luceat eis!*...

Paris, maio de 1915

BERTRAND DE MONTROSE



Lloyd George e a queda de Przemisl

De surpresa em surpresa nem podemos discernir qual o facto culminante das ultimas semanas de guerra. Mal se extinguiu o entusiasmo provocado pelo nobre gesto da Italia, e vem a queda de Przemisl arrancar-nos ao sonho...

Transportando as suas tropas em automoveis blindados e em caminhos de ferro especiaes, com uma rapidez extraordinaria; re atacando os nossos alliados mal elles fazem sombra de resistencia; repellindo os com uma audacia e um vigor inauditos, os allemães e os austriacos vão reconquistando a pouco e pouco a provincia da Galicia...

A primeira grande resistencia devia ser Przemisl. E eis que os austro-allemães inundam a cidadela de gases asphixiantes, arruinam as fortificações com uma chuva de metralha, arrazam tudo com uma torrente de fogo e avançam depois em columnas cerradas, reconquistando as posições á bayoneta.

Durante uma só hora de encarniçado combate as boccas-de-fogo inimigas vomitaram *duzentas mil granadas!*

Durante quatro horas, *setecentas mil!*

E no prélio que teve por desfecho a retomada de Przemisl, quatro mil peças infernaes despejaram *três milhões de obuses!*

Já é tempo dos cegos abrirem os olhos.

Przemisl cae em poder dos allemães ao cabo de um mez de energica offensiva... Failem embora os criticos militares numa *embuscada* ou em *ruinas sem valor*.

Acaso Przemisl deixou de ser a posição estrategica simplesmente formidavel, e de constituir o segredo do Dniester, a chave de Lemberg, a verdadeira e unica fortaleza da Galicia?

Lloyd George, o novo ministro inglez das munições de guerra, acaba de se exprimir bem claramente em *Manchester*.

« Vim aqui para dizer-vos toda a verdade.

« O nosso pai, combate pela sua vida. Léstes aquella anciosa noticia da batalha que se está travando na Galicia? Léde-a, léde-a bem, léde-a com intelligencia e vereis como as officinas contam nesta guerra.

« Os nossos alliados acabam de soffrer uma grande derrota (a severe setback). Vim aqui dizer-vos a verdade, Sem a conhecêdes bem não poderemos esperar o vosso sacrificio. Elles acabam de soffrer uma grande derrota. Os allemães ganham uma victoria (sucess) — uma grande victoria.

« Nós fomos de todas as nações a mais mal preparada para esta guerra.

« Combatemos contra a comunidade mais bem organizada que ha no mundo

— *a mais bem organizado, quer para o effeito da paz, quer para o effeito da guerra (wether for war or for peace).*

Cada granada é um seguro de vida...

Eu quereria dizer aos operarios e aos patrões: Quando acabaes de fazer as granadas, não fazeis uma coisa que serve unicamente para matar o inimigo; fazei alguma coisa para salvar a vida dum camarada...

Paris, junho de 1915.

BERTRAND DE MONTROSE



ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DE COIMBRA

Esta cidade não olvida as gloriosas tradições de arte. Por aqui passaram, no *Theatro Academico*, as grandes *estrelas*: quantas mais, depois da divina Sarah?

A Associação Academica quer voltar a esses bons tempos de gloria, offerecendo-nos o prazer espiritual dos *Sarans de Arte*.

Deixar aqui as impressões da ultima noite de festa julgo-o de todo impossivel; apenas duas palavras ao meu querido *Occidente*.

Vê-se que o *Orpheon* ainda sabe cantar. Depois do Arroyo, o Joyce; e agora o Elias de Aguiar... Uma dymnastia gloriosa de rapazes... Pena é que de vez em quando appareça um interregno... e bastante longo... Deliciosamente na *Fuga da Damnation du Faust* de Berlioz e no *Hymno á noite* de Beethoven.

Ainda não conhecia Affonso Lopes Vieira. Soube recordar-nos o estudante Luiz de Camões, com uma sinceridade e uma emoção, que ficam na memoria de todos. Ha-de realizar-se aquelle voto, erguendo á nossa veneração, no *Jardim Botanico*, o busto do Maior Poeta...

Distinctissima a sr.^a D. Branca de Gonta Colaço. Um mimo a recitar. Tirou do esquecimento a poesia *Saia Nova* de João de Lemos, com uma intelligencia rara.

Augusto Rosa, do *Theatro da Republica*, leu nos *O Tambor*, a melhor pagina de Julio Dantas. Já a ouviram? Não lhes sei dizer como é. Só me lembro de que vi distinctamente Napoleão envolto no seu capote cinzento, curvar-se sobre o pequenino *tambor* exánime, e collocar-lhe no peito, heroico e ensanguentado, a propria insignia da *Legião de Honra*...

Vianna da Motta, que foi discipulo do maior pianista do mundo, adora Franz Liszt. E ao vê lo interpretar a musica do mestre, a gente tem a impressão de ver sentada ao piano n'aquella nobre e romantica figura de cabelleira solta...

A *Legenda de S. Francisco caminhando sobre as ondas*, duvido que Paderewsky ou Stefaniai a comprehendam melhor,

A sr. D. Bertha Vianna da Motta possui uma voz, extremamente educada e suave. Ferreira da Costa, bastante feliz. A sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso toda Lisboa a conhece.

E não esqueçamos de beijar a pequenina virtuose Isabel Ayres, que já estudou Beethoven...

M. S.

TRISTEZA ETERNA

A Espinola de Mendonça

*E desde então, sorriem, muito embora,
Germinando, os botões, ricos de seiva;
E sobre as folhas, pétalas e leira,
Os clarões limpidíssimos da aurora.*

*Sorri a mãe ao ser de que se orgulha,
Que concebeu e cria, triunfante;
E, ao medir a colheita exuberante,
O lavrador, que o seu granel atulha.*

*Sorri ao mar em calma o marinheiro;
Sorri o poeta no seu amor primeiro,
E o combatente ás glórias do porvir.*

*Sorri no firmamento a estrela de ouro,
E a papoula, por entre o trigo loiro . . .
— Eu é que nunca mais pude sorrir!*

S. Miguel, 1914

ALICE MODERNO



ALEGRIA ETERNA...

A illustre poetisa D. Alice Moderno, em resposta ao seu soneto «Tristeza eterna»

*. . . E eu continuo a rir a toda a hora,
Para que Alguem, que me esmagou, não ria,
Nem possa ter a íntima alegria
De ver chorar quem, por mentir, não chora.*

*Hei-de rir por rirgança, muito embora
O coração soluce na agonia
De ocultar o martírio, noite e dia,
Que tristemente no meu peito mora.*

*E esse Alguem, por quem morro, e não o sento,
Não ha-de rir nem viverá contente,
Pensando que bendigo a minha sorte.*

*E, quando me matar esta amargura,
Não saberá que, nesta vida escura,
Foi este riso que me deu a morte.*

Lisboa, 1915

ESPINOLA DE MENDONÇA



CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

Continua renhíidissima a lucta que ha perto d'um anno se desencadeia em toda a Europa, sem que, por emquanto, ninguém possa prevêr o termo do duello entre as duas civilisações, ou os dois mundos, cada um dos quaes tem por chefe a Inglaterra, d'um lado, e a Alemanha, do outro. A vida váe-se tornando por toda a parte cada vez mais difficil, sendo o problema das subsistencias o que mais affecta todas as nações, quer belligerantes, quer neutras.

A Alemanha tem continuado a torpedear navios inglezes e neutros, nos mares do Norte. A Inglaterra tem soffrido ultimamente os effeitos de centenas de incendios em docas, armazens e fabricas de material de guerra. Até ha poucos dias contavam-se nada menos de 410 fogos. Agora dizem os jornaes que ardeu uma grande fabrica de automoveis construidos por conta do Estado. Os prejuizos foram calculados em dois milhões de libras. Ficaram em cinzas 100 ambulancias automoveis e 200 fourgons para a intendencia.

Tambem um grande entreposto de algodão foi pasto das chammas em Bootle. Atribuem-se taes damnos a agentes allemães; mas não se explicam como a perspicacia e vigilancia da grande *Albion* permittem a realização de semelhantes proezas.

A questão das munições de guerra continua a preoccupar seriamente os alliados e sobre tudo a Inglaterra que, como aqui dissemos entendeu até conferir a *Lloyd George* a nova pasta de munições.

Tanto este ministro, como *Whinston Churchill* tem feito ruidosos discursos em que se agita sob aspectos novos o problema da mobilização industrial.

N'um discurso em Bristol, perante delegados de centenas de cidades do oeste de Inglaterra, o sr. *Lloyd George* disse que a victoria está nas mãos dos engenheiros, contra-mestres e operarios. As mais simples manobras dos mechanicos serão mais uteis ainda nos ateliers do que o seu esforço nas trincheiras.

Em Manchester affirmou que a franqueza é o começo da victoria, e que a Alemanha era o paiz mais bem organizado do mundo para a guerra e para a paz.

Fallando abertamente da gravidade da situação presente, descreveu os authenticos desastres russos da Galicia e a situação quasi estacionaria do theatro occidental devidos unicamente á falta de munições. E' necessario portanto organizar a nação para que não faltem as munições. Sirva de exemplo a fabrica *Krupp*, que triplicou o numero de operarios. Dizia um telegramma recente que esta fabrica emprega actualmente 115.000 operarios no fabrico de canhões de grande alcance. Esta casa estabeleceu em Constantinopla uma succursal onde trabalham tambem alguns milhares de operarios.

O sr. *Ll. George* disse ainda que a mobilização allemã não desconheceu a desorganização que a mobilização franceza veiu provar nos meios fabris, porque na Alemanha todos os technicos in-

dispensaveis ao fabrico das munições de guerra não foram mobilizados para o serviço militar.

Em Inglaterra escasseiam as munições de guerra. Para que tal não succeda é necessario impôr ao operario a obrigatoriedade do serviço na fabrica, formula novissima, com que se pretende attenuar a idéa por muitos defendida do serviço militar obrigatorio.

As autoridades administrativas de Londres contam mais de 100 fabricas que trabalham activamente na manipulação de munições. Na *Australia* e no *Canada* tambem se manipula muito material de guerra.

O aviador inglêz *Warnesford*, que ha pouco se notabilizara pela destruição de um «Zeppelin» na Belgica, falleceu ha dias no aerodromo de *Buc*, em companhia d'um jornalista americano, em consequencia da queda do aeroplano.

Outras perdas regista a Inglaterra, cujo exercito se bate valentemente na frente occidental e na peninsula de *Galipoli*. Aqni o avanço é maior, posto que os turcos empreguem tambem o systema allemão de guerra de trincheiras. Affirma-se que a marinha ingleza perdeu nos *Dardanellos* dois couraçados: o *Drake*, de 14.100 toneladas e o *Cornwall*, de 9.800. Tambem um submarino austriaco foi afundado á entrada do estreito, e dois *destroyers* francezes bombardearam o porto de *Tchemeh* na costa da Asia Menor, em frente de *Chio* que servia de base de operações a submarinos allemães.

Um navio inglêz metteu a pique o submarino allemão *U-20*, que bastantes damnos causou á marinha mercante no mar do Norte.

Os russos avariaram o couraçado turco «*Breslau*», perto do *Bosphoro*, e metteram no fundo o *Medjidieh*, que depois conseguiram pôr a nado, incorporando-o na sua esquadra. Os russos tem levado a melhor contra os turcos tanto no mar, como em terra, no *Caucasso*; mas com os austro-allemães é que elles não se aguentaram, não obstante serem aos milhões. Como disse o ministro *Lloyd George*, os russos tem recuado perante a metralha dos austro-allemães que não obstante a apregoada falta de materias primas, tem assombrado o mundo com a colossal previsão de munições, o que mostra evidentemente a longa preparação para tão extensa campanha.

Varios factos demonstram os intentos da Alemanha em alargar as suas fronteiras para a costa no mar do Norte. Ainda ha pouco o proprio rei da *Baviera* disse que não foi em vão que se derramou o sangue allemão durante dez menses, e que, portanto, os subditos do kaiser devem dispôr d'uma passagem directa do *Rheno* até ao mar. O jornal *Die Letzte Nachrichten* insiste em dizer que faz falta um estuario allemão do *Rheno*, e que, ao affirmar-se, a paz, a *Allemanha* reterá uma parte da Belgica, a sufficiente pelo menos, para esse estuario do *Rheno*, que é tão necessario para garantir o nosso futuro militar e economico.

A proposito dos planos da Alemanha citam-se as seguintes palavras extrahidas da obra de *Gustave Lebon*, e publicada

em 1910, sob o titulo: — *Psychologie Politique et Défense Sociale*. No capitulo V, pag. 282 e 283, intitulado: *Formes nouvelles de la colonisation*, diz o auctor pela bocca d'um professor allemão de philosophia, que fôra seu companheiro de viagem:

«... O meu paiz não desejava de modo algum a guerra. (Tratava-se então do incidente de *Agadir*). De mais ainda não havia chegado o momento de luctar contra a Inglaterra vossa allada, que nós não tememos sob o ponto de vista commercial e industrial e que, pelo contrario, nestes dois pontos nos receia muito. A guerra com ella é inevitavel muito breve, mas o bollo será muito mais importante que *Marrocos*. *Hamburgo* tornou-se muito pequeno. Necessitamos um grande porto militar e commercial e não ha outro senão *Anvers*, na nossa visinhança. Nós temos multiplicado ali as nossas casas de commercio, as nossas empresas maritimas, os nossos bancos; mas isso não basta, porque naquelle porto tão proximo da Inglaterra, o poder militar deve acompanhar o poder commercial. Os belgas conhecem perfeitamente estas aspirações que são as de todos os allemães e que certos atlas de geographia vulgarizaram por toda a parte. Li o discurso que a este respeito pronunciou no parlamento belga o senador *Edmond Picard*, um dos seus estadistas mais eminentes. Grito de alarme justificadissimo, mas completamente inutil. Os povos não escapam ao seu destino. Os belgas podem retardá-lo, talvez, um pouco, ligando-se com a *Hollanda*, mas não parecem bastante finos para comprehender que em breve deixará de existir no muudo lugar para as nações pequenas. (Estas palavras fazem recordar ao chronista do «Occidente» as que *Lord Salisbury* proferiu em 1890. São as mesmas e atingem fins identicos.)

«Naturalmente, e é nisto que está a unica difficuldade, os inglêses hão de oppôr se a esta empresa. Eis porque a guerra com elles é fatal. O vosso paiz, sem duvida, juntar-se-lhes-ha, mas neste momento, mais enfraquecidos ainda que hoje, o vosso unico papel provavel será pagar as despezas d'uma guerra necessariamente dispendiosa.»

Estas palavras são verdadeiramente propheticas e merecem larga ponderação, motivo por que aqui se archivam. De um livro prestes a sahir a lume sobre a attitude do partido socialista allemão durante a presente conflagração, e cujo auctor é o dr. *David*, um dos «leaders» da Social democracia no parlamento allemão, se conclue que o celebre socialista *Bebel* havia previsto esta guerra, que ia collocar a Alemanha deante do grave problema: *Ser ou não ser*; E que *Bebel*, em vista d'isso, recommendou o serviço militar até ao ultimo homem, reconhecendo que a defeza nacional era um dever natural para a Social-democracia.»

E os socialistas francezes a imaginarem que os seus confrades allemães ficariam mudos e quédos no dia da declaração de guerra!

A França respirava pela *révanche*, mas não se armava, e ninguém sabe o que

teria sido d'ella se não fosse a resistencia formidavel dos belgas! A Alemanha contava com a afinidade do sangue flamengo, mas errou os calculos, porque os flamengos uniram-se em volta da bandeira Patria, fazendo causa commum com os wallões!

Os francezes perderam até 31 de Maio 1.387.000 homens, sendo 307.000 mortos, 180.000 prisioneiros e mais 900.000 entre feridos, desaparecidos, etc. So na batalha de *Carénay* a França perdeu 60.000 homens.

D'uma estatistica publicada pelo «*Martin*» conclue-se que de 8.500.000 allemães chamados ás fileiras, 6.000.000 foram para as linhas de combate oriental e occidental, 1.500.000 para as guar-

ganizaram um *raid* de 23 aviões que foram bombardear a cidade allemã de *Karlsruhe* sobre a qual lançaram 285 bombas, que produziram muitos estragos.

Um «*Zeppelin*» lançou bombas sobre a costa noroeste da Inglaterra, causando bastantes mortes.

Os alliados cortaram as linhas allemãs numa grande extensão tomaram *Neuville Saint Vast* e a estação de caminho de ferro de *Souchez*; avançaram nos *Fosges* e apoderam-se de muito material dos inimigos. Estes lançaram bombas sobre *Nancy*, *Saint Dié* e *Belfast*. As tropas britannicas tomaram uma linha de trincheiras a leste de *Festubert*. Na região de *Arras* combate-se furiosamente.

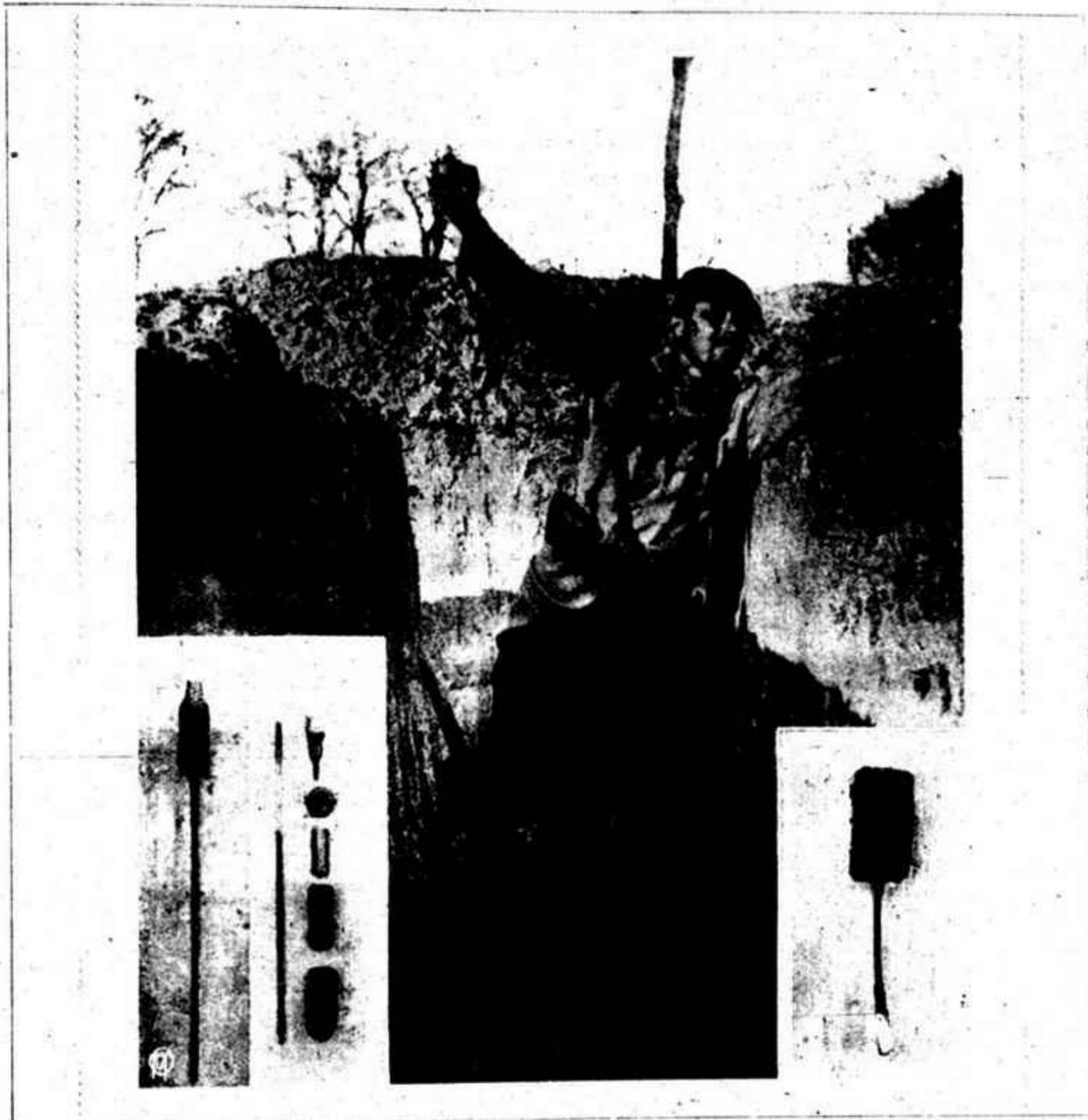
A leste prosegue renhida a lucta entre

Os allemães fortificam-se em *Libau* e mandam reforços para a *Curlandia* no proposito de se apossarem de *Riga*.

N'um combate contra os russos morreu o principe *Ernst von Meidfeld*, segundo filho do principe *Ernst von Meiningen*.

Os italianos teem avançado pelas fronteiras do *Tyrol* e *Trentino*; tomaram importantes posições, tendo o general *Cadorna*, chefe do exercito, declarado a annexação do territorio já occupado pela Italia. Ao longo do *Isonzo* tem-se ferido sangrentos combates, em que os austriacos tem soffrido serias perdas.

Os italianos perderam o submarino «*Medusa*». Entre os pontos tomados



SOLDADO FRANCÊS ARREMESSANDO UMA GRANADA
A' esquerda e a direita, em baixo, vêm-se, reduzidos na estampa, aparelhos empregados no arremesso de bombas de mão (tipo allemão e tipo inglês)

nições e guardas de linhas ferreas, e 1.000.000 para os depositos. As perdas entre mortos, feridos e prisioneiros sobem a 4.200.000 homens; e nos 4.500.000 austro-hungaros chamados, o numero de perdas, attinge 2.526.000 homens!

E' horrivel!

A guerra aerea tem proseguido com o mesmo ardor com que se fere em terra e no mar.

Os aeroplanos alliados lançaram bombas sobre as povoações da costa belga, em *Zubrugge*, *Heyst* e *Knocke*.

Como represalia pelo bombardeamento dos allemães sobre cidades abertas francezas e inglesas, os alliados or-

russos e austro-allemães que conseguem quasi expulsar aquelles da *Gallicia*, mercê do grande reforço da sua artilharia. No entanto os russos tomam-lhes muitos prisioneiros e munições, sobretudo nas batalhas da região de *Zurewna* e entre o *San* e *Subaczow*. Os austriacos pretendiam avançar pela *Bessarabia*, mas recuaram, acessados pelos russos.

A *Russia* fez encomendas de munições, ás fabricas do Canada, tencionando recebê-las atravez do *Pacifico* e pelo *Trausiberiano*.

Os austro-allemães passam o *Desiester* e marcham sobre *Lemberg*, que esperam reconquistar.

pelos italianos, devem memoriar-se *Monfalcone*, onde havia uma fabrica de gazes asphixiantes; a região de *Montenero*, o canal de *Monfalcone* a *Porto Rosefa*, a cidade de *Gradina* e, sobretudo, a de *Gradisca*, de grande valor estrategico, pois fica na fronteira oriental; está situada n'uma posição elevada, junto do rio *Isonzo*, cujas margens domina, e forma, com *Monfalcone*, um ponto de apoio para defender a planicie de *Friuli* oriental. Além d'isso, *Gradisca* é uma especie de contra-forte do campo entrincheirado de *Goritz*, situado mais ao norte e protegido pelos *Alpes Julios*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



ENAMORADA

Desenho de Martinho da Fonseca



RETRATO DE MINHA MÃE

Quadro de D. B. Rolin Santos



CASA DO ANTONIO SALOIO

Quadro de P. Guedes



DEPOIS DA FESTA

Quadro de E. Vianna

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



RETRATO DE M.^{lle} B. M.
Quadro de D. A. A. Machado



DEFESA DA BANDEIRA
Aquarela de A. Moraes



LAVADEIRA
Quadro de J. V. Salgado



EM ROBINSON
Esculptura de Anjos Teixeira

Dôr Maxima

(Ao Mario Português)

Veraneava se!

Como de costume, nessa estação calmosa, uma colonia elegante de gente fina — aristocraticas mulheres, artistas, homens de letras, financeiros — instalára-se com requintes de gosto naquela pequenina praiá debruçada sobre o mar entre uma curva magnifica de enseada e vastas dunas de pinheiros esguios e negros, como fantasmas noturnos. Longas áleas, cheias de sombra, emfrontavam as delicadas vivendas, que as glicineas e tacstoneas vermelhas revestiam de frescura e de flôres.

O sussurro das ondas, quebrando-se nos rochedos, emiscuia-se com a esvozeada alácre das avesitas, que chalravam nas faías.

Respirava-se uma atmosphera mórna de socêgo, livre das exhibições perturbadoras dos burguêses, sempre ruidosas, mas sem arte... de fazer tédio.

Era um refinamento de sensibilidade toda a vida daquela estancia.

E se o prazer tinha ás vezes resáibos de volupia ardente, a dôr ia até o desespero tragico do delirio.

— A dôr!...

Eu tive um dia ensejo de vêr o que era a dôr... e o que ela pode para matar todas as venturas, tolher as esperanças mais belas, amarfanhar os organismos mais delicados...

Fôï numa manhã de sol doirada por milhões de chispas, que se espelhavam no azul tonificante do mar, quando, despreocupado, olhava as velas brancas dos barcos, que se faziam ao largo, como bandos de gaivotas — que me mostraram de passagem envolta no seu *deshabillé* de tule sépia, certa mulher, cuja historia triste eu havia de vir a saber um dia...

Pouco caso fiz dela então...

Mal a olhára...

Que me importava a mim essa mulher, que me apontavam pela primeira vez, em ares interrogativos, a que não sabia que dizer, pois ninguem me havia ainda chamado para ela a atenção?!

Depois é que continuei a encontrá-la a miúdo, passeando solitaria, numa absorção intima de quem medita, buscando os logares êrmos, longe de todos, falando raras vezes e só com um ou outro rustico e velho pescador, em quem notava por ela um respeito idolátrico, como se fosse alguma sombra bemfazeja daqueles sitios.

Começou a intrigar-me aquela exquisita mulher de rosto palido, ainda nova — trinta e quatro ou trinta e cinco anos — bela na apparencia, de grandes olhos gláucos, mas sempre irradiados, nostalgicados, sem nunca atentarem em nada, que encomodavam...

— Quem seria?...?

E senti vontade de saber, de conhecer passo a passo a sua vida, o que nela havia de misterioso...

Era tão singular, aquela mulher!

Descobri, então, que habitava uma pequena vivenda acastelada, longe das outras, fechada entre pinheiros, que a

cercavam de todos os lados, deixando vêr a distancia simplesmente as torrêlas ameaçadas, sobranceiras ao mar, que quasi lhe lambia as pedras, como se fôra algum esconderijo encantado de fada marinha.

A' volta, numa cintura mais estreita, uma pequena cêrca murada, coberta de heras e madresilvas, onde cresciam oláias e lilazes perfumosos.

Tinha o quer que fosse de romanesca esta habitação escondida, que fôra outr'ora ninho quente de amores ternos... tão ternos e felizes, como desgraçados por ultimo...

Dramas de paixão, que o tempo esquece...

Hoje era sepultura, que os rouxinoes guardavam, e onde vertiam lagrimas e cantares de saudade, se a tempestade bramia encapelada á sua volta...

Varias vezes me succedeu passar por ali, numa vida de espionagem, de que me arrependi depois, numa ancia febril, devoradora, de desvendar aquele segredo misterioso, e sentir-me preso das harmonias, verdadeiramente celestias, que vinham lá de dentro.

Recordo-me ainda que uma noite — era em agosto, a lua coava-se por entre as franças arredondadas dos pinheiros mansos, opalisando o chão coberto de caruma — ia eu, como de costume, passando colado aos muros da cêrca, fitando os balcões e as janelas levemente ogivadas, que deixavam fugir do interior uma claridade tênue, a delir-se, quando, num esfuzear de acordes, me arrebatou o espirito a divinal interpretação da *Marcha funebre* de Chopin.

Largára de sobresalto uma vergonteia de rozeira, de que tentava, em balde, cortar um botão... um lindo botão...

Ouvia em extasi. A' minha volta fez-se uma sombra negra de terror, um medo indefinido, imponderavel como a tristeza e a dôr daquela musica doente!...

Traduzia toda ela as sensações duma alma ferida.

Não havia duvida, estava ali um artista, que ninguem conhecia, mas superior a todos.

— Porque fugia?

— Porque recusava as apoteoses do publico, que o aclamaria com frenesi?...

A lugubre *marcha* hipnotisava-me a pouco e pouco, num calafrio.

Chopin não a *musicara* melhor, aquella noite terrivel em que a compoz numa alucinação...

Eu via passar me pela frente o mais terrivel cortejo de sombras e fantasmas.

De cada canto erguia-se um rugido cavo, como o despregar de caixões, e de cada arvore adormecida surgia agora um personagem novo... logo outro... mais outro... vestidos de negro, os olhos rebrilhantes de fogo, sinistros, numa descompostura mortuaria, arripiante...

Deambulavam em turbilhão confuso, acusando-se, invectivando-se, revelando crimes, violencias, tragédias, numa obsessão de victimas, vingativa, sangrenta...

A *marcha* ia esmorecendo... as figuras bailavam-me deante dos olhos de vagar... deliam-se... sumiram-se por ultimo.

A *Marcha funebre* terminara!

Tudo ficou de novo mergulhado no mais profundo silencio.

Silencio, quebrado d'ai a instantes pelo ruido sêco de quem puxa o ferrôlho duma porta pezada, que gira nos gonzos de bronze...

— Iria descobrir-se aquele arcano? pensei e recuei para dar passagem livre e pôr-me a coberto...

Espeiei pouco. A mesma mulher, que eu perseguira, nem sei se por curiosidade só... deixava o seu pequeno castelo de granito escuro, sombrio, collava o muro da cêrca, passando pelo lugar, onde eu estivera tentando colher-lhe uma rosa das suas e ouvira os *compassos sepulcraes da Marcha funebre*... e seguiu, direito ao mar, que rugia lá em baixo...

Notei que as feições eram duma palidez como nunca; estava desfigurada por completo. Os cabelos desprezos, dum loiro metalico, que o luar iluminava em cheio, caíam-lhe ás ondas pelas costas.

Apressou o passo...

Seguia-a.

— A que iria aquela mulher?! .. A'quela hora?!...

Era mister não lhe perder um passo.

Cada vez mais apressada, caminhava sobre a areia movedissa sem dar por mim.

A certa distancia parou; sentou-se num rochedo, que as aguas respeitavam e, arrancando o quer que fosse de dentro do seio, poz-se a remirá lo num terno recolhimento á luz do luar...

Cobriu-o de beijos, num frenesi historico, por entre um chôro surdo, mas copioso.

Havia ali, de certo, o desenrolar dum drama ignoto de acerba dôr.

Sentia-me repezo dos meus passos e ao mesmo tempo contristava-se-me a alma no vago presentimento de angustia, que lhe estava ulcerando o coração... sabe-se lá de que fino quilate de sensibilidade...

— Que seria?

— Que a levaria a contemplar naquele logar êrmo, povoado só dos goelanos e outras aves marinhas, essa reliquia, que tão guardada trazia junto do coração?!

Ergueu-se de repente dum salto num nervosismo convulsivo, hirta, cada vez mais desfigurada, terrivel, e desatou num pranto affetivo e desesperado... Devia de ser amargo aquele trávo, de certo!

Quasi sofria como ela, de a vêr.

Louca, desatinadamente, transformada pela febre, que lhe esbrazeava as faces, principiou de rasgar as delicadas vestes, lançando se numa correria doida pela riba aos gritos, ás invectivas; — chamava, bramia, raivava como leão aquem tivessem roubado a prole...

Arrepiaram-se-me as carnes... eu nunca a vira assim...

Um terror indefinido abalou-me todo.

Pareceu-me vê-la, então, cravar em mim os seus olhos esgazeados, que teriam sido tão belos, dizendo-me causa de todo o seu mal.

Mortificou-me aquela situação angustiosa e senti-me vergar sob um peso immenso, que me tolhia os movimentos.

— Até onde levaria essa mulher infeliz os seus loucos desatinos — se as dôres maximas são desatinos?!...

Num relancear d'olhos via-a em gritos lancinantes de sofrimento e de agonia mortal investir contra as ondas, num repelão...

Quis gritar, mas a voz estrangulou-se-me na garganta; figurava-se-me que

ia cometer algum crime — precipitar-se no bôjo profundo do abismo negro do oceano, que os reflexos do luar zebra-vam...

...Mas não!

A pobre louca ia todas as noites até aquele mesmo rochedo, donde um ano antes vira, num lindo dia de regata, desaparecer para sempre o seu querido filho, para lhe rogar na sua linguagem de dôr e de mãe, que a não deixasse só... Que voltasse...

Ia lá em gritos de desolada angustia chamá-lo, bradar por ele...

— Meu filho! Oh! meu filho!...

... Mas ao éco dos seus gritos de aflição só respondia o marulhar mais forte das vagas!...

Pobre mãe!...

RUI DE NEIVA.

A PESCA DA BALEIA

A pesca da baleia na costa do Algarve foi ramo industrial de alguma importancia desde o meado do século XIV até findo o primeiro quartel do século XV nos reinados de D. Afonso IV, D. Pedro I, D. Fernando e D. João I.

No arquivo da camara municipal de Tavira existia em 1838 o original de uma carta de D. Afonso IV, expedida em 1 de setembro de 1352, da qual constava que em Porto Novo morriam ellas e que os almoceves ali iam comprar pedaços ou cargas a troco de trigo.

Na praia da Nossa Senhora da Luz perto de Lagos, era grande a faina d'esta pescaria.

Desde os descobrimentos ultramarinos, a atenção e a actividade dos nossos marítimos desviaram-se desta pesca para as viagens de exploração e trafego aventureiro, e até hoje a industria baleeira não mais resurgiu em Portugal.

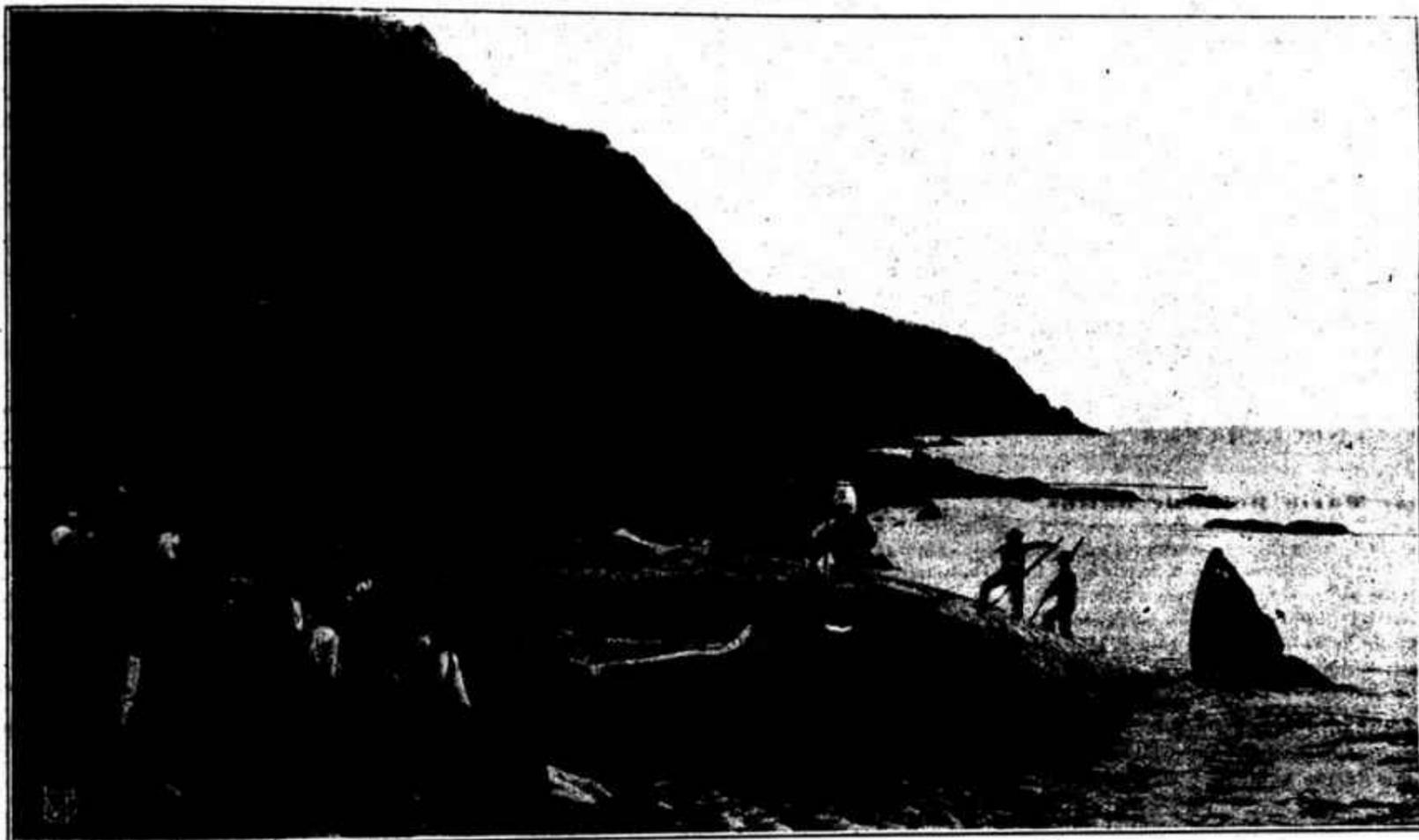
No arquipelago dos Açores, porém, nas ilhas de S. Miguel e Fayal, a pesca da baleia está

actualmente bastante desenvolvida. A baleia que ali aparece é o *cachalote*, designação que se dá á baleia de dimensões relativamente menores do que a baleia propriamente dita.

E' geralmente sentida a progressiva raridade das baleias, havendo quem tenha a opinião de que dentro de um periodo relativamente curto os mares estarão desertos d'elas.

As baleias desapareceram das nossas praias. De quando em quando se avista ao largo sobre a tona de agua o negrume de uma cabeça enorme, e saindo do seu tonticho um repuxo cristalino. E' alguma baleia desgarrada, solivaga, que vem causar curiosa surpresa aos espectadores da costa, e nada mais. Esta aparição momentanea não infunde cubiça, não tenta a coragem aventureira dos nossos pescadores, porque o tentalo seria inutil.

E. M.



Açores. — PESCA DA BALEIA NA ILHA DE S. MIGUEL

(Cliché de M. J. de Mattos)

ROMANCE

M. Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

E virando-se para Myrto puchou de uma cadeira e sentou se junto d'ella. Milcza ficando um pouco contrariado, antes que Myrto respondesse disse:

— Myrto não é uma pessoa que goste da vida mundana, demais o luto ainda não terminou, não podendo ir a festas que tu e Irene tanto desejam.

— Não é assim, disse o conde não comprehendendo a ironia do primo, estou sempre bem, com e sem festas, Voraczy é para mim um Eden.

Os labios do principe tremeram um pouco voltando-se a ralhar com Renato que n'aquelle momento entrou saltando. D'ahi a pouco a conversa mudára de rumo.

Pediram a Myrto para tocar. O principe disse logo que acompanharia a prima. Todos foram então para o grande salão de musica e Myrto abriu um pequeno armario antigo afim de escolher um trecho.

— Que poderemos tocar, principe?

— O que desejar, nós temos os mesmos gostos.

Uma folha de papel cahira, era um trecho preferido de Karaly, Milcza olhou para Myrto e disse:

— Meu querido filho...

O doce olhar de Myrto envolveu a phisionomia alterada do principe e este apertou a mão de myrto.

— Apenas sente por mim uma especie de compaixão.

Myrto ficou como admirada pelas palavras que acabava de ouvir, mas o principe cahindo em si disse:

— Myrto eu soffro tanto! Sou uma ingrato a quem tem sido para mim uma luz bemfeitora.

Terka e o conde entraram, ao acaso,

Myrto pegou em uma musica e começou a tocar acompanhado pelo principe.

XV

A sr. Soliers e seu pae encontravam-se ha oito dias hospedes do principe Milcza. Ambos estavam encantados com as belezas de Voraczy. Elle não sahia da bibliotheca onde assava horas lendo obras admiraveis e raras. A filha indo a todas as festas dos arredores e deplorando com Irene do principe não querer dar festas no seu tão deslumbrante palacio.

— O principe falla agora de não oferecer ao archiduque a festa que dissera, disse Irene. Parece que ha uns tempos anda deveras pensativo e triste.

— Torna-se impossivel vencer a sua vontade, disse a viscondessa um pouco despeitada. Mostrei desejos de ainda ver aqui uma grande festa, mas respondeu-me friamente que não tinha gosto para grandes reuniões mundanas. Não

quize insistir porque francamente o seu irmão mette algum receio quando insistimos com elle!

— A quem o diz, murmurou Irene com colera.

— E' verdade, minha boa Irene, parece que elle não está em boas graças consigo; mais de uma vez o tenho notado.

— Por causa d'essa Myrto, disse Irene com uma especie de raiva.

— O que me diz?! respondeu a viscondessa com intima curiosidade.

— Revelei francamente a minha pouca simpatia por ella, isso bastou para que meu irmão não gostasse. Ella conquistou o pela amizade de Karaly. Milcza não lhe recusa nada! Basta só uma palavra de Myrto para que o principe a cumpra! Ella com o seu aspecto de simplicidade, de seriedade e de crente soube chama-lo bem a si.

A jovem viuva sacudiu a cabeça.

— Acho, Irene, que Myrto possui todas essas qualidades com a maxima sinceridade; tem uma alma simples, boa, que a torna encantadora. Estou certa que o principe vê n'ella já a imagem de sua futura mulher.

— Não se trata senão de uma especie de gratidão para com ella...

A sr.^a Soliers tem um sorriso ironico.

— Não tenha illusões, a gratidão nada tem com os modos de Milcza. Bastará

olhar para elle quando falla com Myrto, ainda hontem não vi a qual proposito uma sombra cahira sobre a sua phisionomia. Sua prima entra, olha para elle, pois mudou logo! Sempre fica triste quando se aproximam d'ella o conde Gisza ou Miheli Donacz, o seu poeta nacional, que Myrto cantou tão bellamente. Emfim pequenas coisas que revelam o amor de seu irmão pela Myrto.

Voltando para o seu quarto apoz esta conversa com Irene, a viscondessa pensou;

— Irene é muito ciumenta... teve sorte Myrto! Terá a escolher o poeta, o conde Gisza e o principe Milcza, será este ultimo...

Os labios da sr.^a Soliers crispavam-se um pouco.

— Elle é attrahente, com uma fortuna fabulosa... será inutil lutar contra Myrto, creatura de grande alma, formosa e boa. Esperarei a visita do archiduque, depois partiremos, é desagradavel ficar aqui sem esperanças...

Myrto junto da sua pequena secretária acabava de escrever ás srs.^{as} Mil-lau... e encostada para traz deixava o seu pensamento divagar atravez o horizonte azul que enxergava da janella. Ella sentia ha uns tempos uma fraqueza moral que a minava. Uma atmospherá mundana a rodeava agora em Voraczy

e Myrto tinha saudades dos tempos de maior socego. Ao passo que uns se divertiam Myrto pensava nos seus pobres, no velho Casimiro que ia morrer, na pequena Macra que se sentia tão doente, e uma sombra passava pelos seus olhos.

Uma pequena pancada na porta a fez despertar d'aquella serie de pensamentos era a condessa Zolanyi que entrou.

— Desejo muito fallar-lhe, disse ella deixando-se cahir sobre uma cadeira, venho aqui encarregada de um negocio, ou por outra substituo a sua querida Mãe. Trata se de dois pedidos de casamento.

Myrto teve um movimento de surpresa.

— Dois pedidos de casamento?!

— Para si, Myrto? Porque está tão admirada?!

— Não sou rica, não tenho dote e julgava...

— Ainda ha pessoas que não pensam sómente em dinheiro, apreciam a belleza moral e physica acima do dinheiro; o principe Mylczá recebeu a confidencia de Miheli Donacz e encarregam-me de lhe fazer o pedido, é um rapaz intelligente uma das nossas glorias nacionaes, um nobre character. Já rico, pertence tambem a uma familia muito nobre e é um bom christão.

(Continua)

NECROLOGIA

José Maria Mello de Mattos

Dia 10 deste mês faleceu o notavel engenheiro Mello de Mattos, notavel sobretudo por seus dotes intellectuaes aliadas a uma operosidade incançavel, tanto para apreciar nesta sociedade, onde a indolencia domina e esterilisa tantas intelligencias.

A obra de Mello de Mattos impõe-se. A sua actividade repartiu-se por todos os ramos sociaes, fecundante e util. Para fazer seu elogio, basta apontar, sem flores de retórica os principaes factos da sua vida.

Ei-los:

José Maria Mello de Mattos, natural da cidade do Porto e filho do comerciante da mesma cidade, Daniel Antonio de Mattos, completou seus estudos de engenharia no Athenée Royal des Sciences, de Bruxellas, onde se distinguio brillantemente nas sciencias mathematicas.

Entrou para o serviço do Estado, como engenheiro, em 23 de agosto de 1886, passando á segunda classe, em 1 de dezembro de 1892 e á primeira em 7 de novembro de 1901, sendo nomeado chefe da Repartição de Propriedade Industrial, em 1912.

Exercendo logo no começo da sua carreira official o cargo de director das Obras Publicas de Castelo Branco, construiu a ponte sobre o Tejo. Passando depois a Aveiro, como chefe das obras da barra e ria, ali executou importantes trabalhos hydraulicos e construiu o farol e a estrada da Barra á Costa Nova.

Por este tempo, tendo naufragado na costa de Mira o navio francez *Avantgarde*, Mello de Mattos desenvolveu tão grande actividade, nos socorros prestados, que o governo francès lhe conferiu o grau de cavaleiro da Legião de Honra.

Mello de Mattos foi quem primeiro realisou conferencias, em Lisboa sobre agricultura e credito agricola, na Real Associação Central de Agricultura Portuguesá. Estes assuntos mereceram-lhe sempre especial atencão e assim espalhou seus estudos e conhecimentos tecnicos em varias publicações: *Portugalia*, *Engenharia e Architectura*, *Revista Florestal*, *Boletins da Real Associação Central de Agricultura Portuguesá*, *Gazeta das Aldeias*, *Portugal Agricola*, etc.

Tomou parte no Congresso Maritimo, promovido pela Liga Naval Portuguesá, como representante da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, tratando questões de ensino, de escolas de pescadores, sistemas de pesca, fretes maritimos, portos de mar, oceanografia, desporte nautico, etc.

Seus vastos conhecimentos literarios e scientificos, permitiram-lhe activa colaboração no jornalismo com boa lição, defendendo as doutrinas positivistas contra as de Miss Annie Besant e refutando as affirmações publicadas no *Brasil Mental*, bastante distanciadas da verdade na parte referente á acção intellectual exercida pelos cientistas e literatos brasileiros.

Onde, porém, Mello de Mattos se encontra mais á vontade, é nos estudos economicos, consagrando toda a sua actividade profissional á grande obra da valorisação do país.

Na sua folha de serviços contam se: os estudos e construção do caminho de ferro de Torres Vedras á Figueira da Foz e Alfarelos; traba-



MELLO DE MATTOS

lhos nas obras publicas de Castelo Branco, Beja e Funchal; obras hydraulicas na ria de Aveiro, no Sado e no Ardila, afluente do Guadiana; além do que já ficou referido.

Deixou impressos os seguintes trabalhos:

Casas Economicas, these 12.^a do Congresso Nacional de Mutualidade.

Memoria sobre a necessidade da creação da industria metalurgica do antimónio em Portugal. Em colaboração com André Pontvianne, 1890.

Memoria sobre a arborisação das dunas de Aveiro. Publicada na Revista de Obras Publicas e Minas, 1892.

Laboratorio Maritimo de Aveiro, 1894.

Trabalhos recentes acerca de Piscicultura em Portugal, 1895.

Tentando a critica, 1897.

Cartas de um ignorante, 1898.

A Aquicultura. Conferencia realisada na Associação Central de Agricultura, 1899.

Economia Social. Credito Agricola, (um alvitre), 1900.

O Credito Agricola. Conferencia realisada na Associação Central da Agricultura Portuguesá, 1901.

Motores Agricolas. Conferencia na mesma Associação, 1902.

Les «Compromissos» de la Côte d'Algarve. Congrès Maritimo Internacional de Lisbonne, 1904.

Os trabalhos scientificos de Torricelli. Discurso na Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, 1909.

Hulha branca e hulha verde. Conferencia realisada na mesma Associação, 1910.

Inspeccão ás caizas economicas do districto da Horta. Relatorio, mapas e documentos, 1912.

Conferencias sobre os Açores, 1913.

Era socio da Academia das Sciencias, do Instituto de Coimbra, da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses e de muitas outras instituições scientificas e patrioticas.

Foi um dos fundadores da Sociedade *Propaganda de Portugal* sendo um dos seus directores e presidente da Commissão de Melhoramentos Publicos, em que prestou relevantes serviços com a sua grande proficiencia e actividade incomparavel.

Era redactor efetivo da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* e director da revista *A Construção Moderna*.

Esta extraordinaria operosidade gastou-lhe cedo a vida, pois faleceu com pouco mais de cincoenta anos, quando havia ainda muito a esperar dos seus vastos recursos scientificos, intelligencia e acendrado patriotismo.

O funeral foi muito concorrido, seguindo os restos mortaes para o Porto, onde o foram acompanhar numerosos amigos.

Galeria do «Occidente»



ENCANTADORA PRIMA...

Desenho original de Columbano Bordallo Pinheiro. — Gravura em madeira de Penoso

CURSO INTERNACIONAL

Largo do Caldas, 1, 2.º

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e lavres artisticos. — Pncto-miniatura, tarso metal oplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyro gravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriais e Comerciaes Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das lin-uas, frequentando as aulas que desejarem e podendo permanecer das 9 ás 5 — Pensionistas a 1\$8000 e 2\$0000 réis mensaes.

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

LISBOA

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. + +

Preparado

que
por completo
tira a caspa

evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral
RETROZARIA IRMÃOS DAVID
Rua Garrett, 112-118
LISBOA



Estabelecimento de Ferragens

Salvador Alves Barata

Rua da Beavista, 96 — LISBOA

Em frente do Boqueirão do Gaz — TEL. N.º 3117

Tornos de bancada, folles para forjas, cavaletes, limas, bigornas para funileiro, martellos, tubos de chumbo, dito em chapa, em barra, zinco em chapa, aram de chumbo, latão, cobre, ferro zincado, estanho em barrinha, cadinhos americanos para fundição, serras circulares sem fim, etc., etc.

Preços resumidos

CASA DA INDIA

DE José Lopes Flores, Sobrinho
(REGISTADA)

Grande e variado sortimento de chás verdes e pretos, cafés da Africa e do Brazil, assucar, arroz, massas, Louças de porcelana de Faiança, Lenços de seda da India, leques do Japão e Barcelona, caixas de xarão e bandejas.

49. Rua do Loreto, 51 — Junto ao Cerieiro
LISBOA — Telefone 4299

Livraria Inglesa

DE M. LEWTAS & TABOADA

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios para presentes de creanças, livros de estudo inglezes para todas as classes adoptados nos lyceus.

Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis. Sortimento de guarda-chuvas, bengalas sombrinhas, tudo a preços limitados.

138, R. do Arsenal, 144

O TESOURO DO CABELO

À venda nas farmacias e drogarias etc

Deposito geral: **SANTOS & SILVA VIEIRA**

Rua da Boa Vista, 16 — LISBOA * Telefone n.º 2.492

É o unico que cura as doenças que fazem cair o cabelo e extermina a caspa. Numerosos atestados de medicos, farmaceuticos, etc., comprovam os seus efeitos. Franco 1\$000 réis — 1/2 frasco 600 (Franco de porte para o continente e ilhas, enviando a importancia)

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NCUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

GRAND PRIX-O Melhor Premio da Exposição-JOY DES 1904

CONTRA DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

AVENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Premiado em exposições de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem 1888, Amara 1884, Rio de Janeiro 1904, etc.

Pedro Franco & C.º

Rua de Belem, 147 — LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franco

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituinte, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças ao organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilisado para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.º

DEPOSITO GERAL RUA DE BELEM, 147 - LISBOA